

PERCEPÇÃO DA PAISAGEM E GEOTURISMO EM TRILHAS DE LONGO CURSO

Ana Claudia Folmann^(a), Maria Ligia Cassol Pinto^(b)

(a) Departamento de Geografia/ Universidade Estadual de Ponta Grossa. acfolmann@hotmail.com

(b) Departamento de Geografia/ Universidade Estadual de Ponta Grossa. ligialih@uepg.br

Eixo: 5. Geoarqueologia, geodiversidade e patrimônio natural

Resumo

As paisagens são combinações complexas da ação combinada de elementos naturais, culturais, energia e tempo. A valorização das paisagens a partir de sua geodiversidade por meio das caminhadas em trilhas de longo curso é o tema abordado neste trabalho. Estimular o uso das trilhas de longo curso se faz importante também para fomentar o desenvolvimento local, conectar unidades de conservação e proporcionar o conhecimento de geossítios que muitas vezes conduzem à compreensão da formação das paisagens. Como metodologia foi aplicado questionário estruturado *on line*, lançado nas redes sociais e via e mail. As pessoas que responderam ao questionário já realizaram travessias de longo e médio curso. Percebeu-se que alguns requisitos são indispensáveis para o desenvolvimento das travessias, como a sinalização e/ou presença de guias de turismo preparados e locais para pernoite.

Palavras chave: paisagem, percepção, geoturismo, trilhas de longo curso

1. Introdução

As paisagens, que são resultado das relações entre homem e natureza, com a influência do tempo, nada têm de estático; elas são o elemento primordial no estímulo do visitante para a consciência ambientalista. Bertrand (2004) afirma que a paisagem não é, somente, a adição de elementos geográficos descombinados, é o resultado da combinação dinâmica entre elementos físicos, biológicos e antrópicos. A relação entre esses elementos faz da paisagem um conjunto único em perpétua evolução. O homem, na paisagem, age modificando-a e ao mesmo tempo, percebendo esses elementos. Para Tuan (1980, p.12) “um ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os seus sentidos”; a informação potencialmente disponível é imensa, no entanto, no dia a dia do homem, é utilizada somente uma pequena porção do seu poder inato para experimentar. Conhecer melhor as paisagens e perceber suas formas de relevo, entender os longos processos que ocorreram para se chegar àquela configuração pode despertar esse cuidado necessário para conservar o geopatrimônio.

É a partir da percepção que o indivíduo poderá interpretar o espaço e a paisagem à sua volta. De acordo com Guimarães (2007, p.75), a paisagem, mesmo sendo percebida, nem sempre passa pelo crivo da nossa interpretação – “etapa na qual atribuímos significados ao percebido – estabelecendo correlações entre os signos dos sistemas existentes na paisagem”.

As paisagens são combinações no espaço, resultado da ação do tempo e dos seres. Modificam-se a todo o tempo, e tem significados diferentes a cada ser humano, trazendo territorialidades – sentimento de pertencimento, memória afetiva, percepções mais ou menos positivas. Paisagens podem estar degradadas, alteradas para produtividade, muito antropizadas ou estar em seu estado mais original. Estas, no entanto, são mais difíceis de encontrar, haja visto o aumento da população mundial no último século.

O turismo pode ser uma ferramenta capaz de fomentar boas práticas em prol da conservação da natureza, inclusive, dos geossítios, e as atividades de turismo em áreas naturais possibilitam a utilização dos recursos de forma responsável. As trilhas são um modo de apreciar os aspectos naturais e, se bem manejadas, podem contribuir com a conservação local, inclusive do geopatrimônio.

Para que as visitas aconteçam de forma ordenada, visando evitar impactos ambientais desnecessários, e acidentes com os próprios turistas, é fundamental que haja um planejamento do ecoturismo, e em especial, das trilhas. As trilhas, de acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas, podem ser definidas como (ABNT, 2006, p.4) “uma via estreita, usualmente não pavimentada e intransitável para veículos de passeio”.

As caminhadas em trilhas consistem na realização de percurso a pé, em ambientes naturais com pouca infraestrutura. Podem durar desde uma hora ou menos até um dia inteiro, sendo que o praticante retorna ao seu local de origem para pernoitar. Apresentam vários graus de dificuldade, conforme a topografia e a distância do percurso.

Já, as caminhadas de longo curso (travessias) são feitas em dois ou mais dias e consistem na realização de percurso a pé, em ambientes naturais com pouca infraestrutura, com diferentes graus de dificuldade. Na caminhada de longo curso o praticante irá pernoitar em locais ao longo da trilha, pois o trecho percorrido ultrapassa o limite de um dia de viagem. O pernoite pode acontecer em diferentes situações, como acampamentos, pousadas, fazendas e bivaques (acampamento provisório, a céu aberto), entre outros (ABNT 2006; MARINHO, 2010; ABETA, 2015).

Em cada paisagem pode haver um ou vários geossítios que comportam-se como elementos de interesse dos caminhantes. Os geossítios também são frequentemente utilizados para a realização de atividades científicas, educacionais e turísticas. A falta de informações sobre o patrimônio nos locais turísticos faz com que este não seja valorizado, e muitas vezes, acarreta atitudes depreciativas por parte dos visitantes. Para divulgar o conteúdo geológico ao turista de forma atraente é preciso planejamento da visitação, o que inclui avaliar áreas de risco, áreas propícias à erosão, cálculo da capacidade de carga, entre outros.

Sendo assim pretende-se discutir a relação das trilhas de longo curso, valoração da paisagem e sua geodiversidade, a partir desses conceitos e da percepção de pessoas que fazem longas caminhadas. A análise dos tipos de elementos físico naturais que atraem as pessoas em algumas das principais trilhas de longo curso também se faz pertinente.

As rochas e o solo podem existir sem as plantas e animais, mas estes não sobrevivem sem aqueles, no entanto, a sociedade parece não levar este fato em conta, pois nas escolas tais assuntos não são levados em alta consideração. Assuntos referentes às disciplinas de ciências da terra, como geologia, não são ao menos mencionados na educação formal; essa falta de informações deixa uma lacuna muito grande na aprendizagem, já que algumas questões são chave para o melhor entendimento da Terra. Visto que muitos geossítios também sofrem ameaças por estarem sendo degradados, faz-se importante o conhecimento para a geoconservação.

O conceito de geoturismo está vinculado à divulgação atraente do conteúdo geológico e à conservação. Para Liccardo et al. (2008, p.20) o geoturismo é importante por fazer com que as pessoas reflitam sobre a relação do homem com o planeta em que vive. Segundo o autor, “o geoturismo propõe ao visitante um aprofundamento sobre as origens deste ambiente e a informação geológica como um dos fundamentos para o conhecimento ambiental.”

De acordo com Hose (2012, citado por Costa & Oliveira, 2018) o objetivo maior do Geoturismo é a “promoção de valores ambientais, além do fornecimento dos benefícios da geodiversidade para a geoconservação por intermédio da geointerpretação”. Também é considerado o “turismo que sustenta e incrementa a identidade de um território, considerando a sua geologia, ambiente, cultura, valores estéticos, patrimônio, e o bem estar de seus residentes” (COSTA e OLIVEIRA, 2018).

2. Materiais e Métodos

A metodologia utilizada neste trabalho consiste em levantamento do conteúdo bibliográfico acerca das trilhas de longo curso, paisagem e geodiversidade em livros, teses, dissertações, artigos científicos e na rede mundial de computadores. Visitas a algumas trilhas de longo curso foram feitas e questionários com frequentadores de trilhas longas foram aplicadas. Além disso, a metodologia adotada neste trabalho foi a pesquisa descritiva, explicativa e quali-quantitativa.

Utilizou-se o tipo de amostragem nomeado como bola de neve, que é uma forma de

amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência. A coleta de dados se deu por meio da aplicação de um questionário *on line* às pessoas que realizam trilhas, por meio da plataforma *Google Forms*. Optou-se pela entrevista estruturada que, segundo Gil (2016), se desenvolve a partir de uma relação fixa de perguntas, em que a ordem da redação permanece invariável para todos os entrevistados. O questionário estruturado, de caráter exploratório, contém cinco questões abertas e oito questões fechadas. Sua aplicação ocorreu de 25 de outubro de 2018 a 25 de novembro de 2018. Uma prévia destes questionários foi analisada, selecionou-se, dos 110 questionários obtidos, 20 amostras.

3. Resultados e discussão

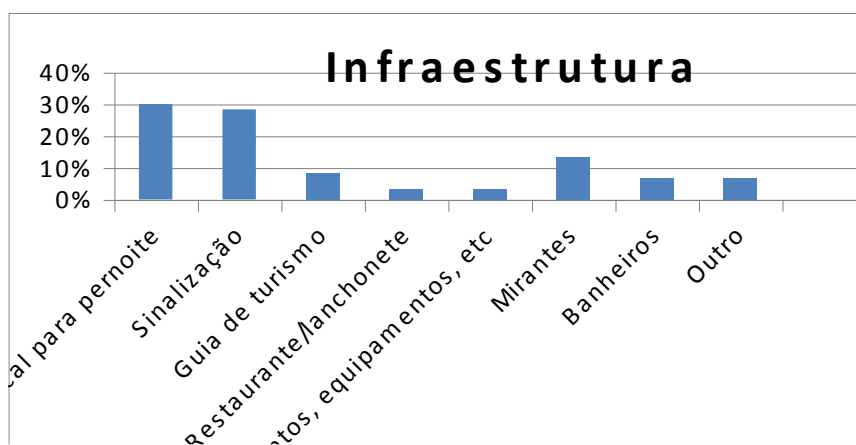
Com a análise dos dados constatou-se que, em relação à escolaridade, 10% possui ensino fundamental e médio; e grande parte dos caminhantes tem curso de graduação e/ou pós graduação (90%). A cidade onde a maioria dos caminhantes que responderam ao questionário reside é Ponta Grossa – PR (55%), seguida por Curitiba (15%). Entre as outras cidades (30%) estão Rio de Janeiro, Parnaíba e Florianópolis.

Entre os gêneros há certo equilíbrio entre os participantes, sendo que 55% deles são do sexo masculino, e 45% são mulheres. Estes números aproximam-se do perfil do turista de aventura traçado no Panorama do Turismo de Aventura (SEBRAE, 2015), em que 53,3% dos turistas são homens e 46,7%, mulheres. O número de mulheres que pratica turismo de aventura tem aumentado nos últimos anos, porém elas ainda encontram algumas dificuldades em relação à segurança, como o fato do medo do assédio, de andarem sozinhas, principalmente à noite e serem atacadas por um homem (CABRAL, 2018).

Sobre o conhecimento de uma trilha de longo curso, a maioria (85%) que respondeu o questionário afirmou já ter feito tal tipo de trilha. Ressalta-se que no questionário foi especificado que “Trilhas de longo curso são aquelas em que você leva mais de um dia”. Em relação aos motivos que levaram os caminhantes a percorrer uma trilha desta categoria, os itens mais citados foram aventura (20%), geoturismo (20%), conhecer a paisagem (20%), estar consigo mesmo (20%) e ecoturismo (15%). O turismo de aventura é um segmento em amplo crescimento, e a busca por um turismo que traga recreação juntamente com informação, agregando conhecimento às pessoas que visitam os locais, também tem aumentado (RODRIGUES, 1997).

As trilhas normalmente são preparadas com algum tipo de infraestrutura, no caso das trilhas mencionadas na entrevista, os itens que os caminhantes acreditam ser mais importante são (gráfico 1): local para pernoite, podendo ser pousada ou *camping* (30%), sinalização (28%), mirantes (13,3%), guias de turismo (8,3%), banheiros (6,7%), restaurante/ lanchonete (3,3%) e loja para suprimentos, equipamentos (3,3%). Outros itens citados foram mapas (2 respostas), imagens com informações sobre a Bio geodiversidade local, segurança, pontos para abastecimento de água e centro de visitantes (1 citação cada).

Gráfico I: Infraestrutura importante numa trilha de longo curso



Sobre os 'Elementos mais significativos na paisagem', nessa questão foi pedido para que os entrevistados especificassem à qual trilha se referiam, e para que citassem apenas uma trilha. Houve trilhas com mais de uma citação como a trilha da Serra Fina (MG/SP), Trilhas da Serra do mar (PR), Trilha de Teresópolis a Petrópolis (RJ) e trilhas do Cânion Guartelá (PR). Os elementos variam entre cachoeiras, rios, paredões rochosos, escarpas, furnas, imponência das montanhas, diversidade de plantas, observação dos astros, árvores/plantas. Os mais citados foram montanhas/serras; rochas; plantas; cachoeiras; rios e nuvens.

Em relação às impressões sobre o relevo a maioria das respostas das pessoas que fizeram trilhas em áreas íngremes refere-se a montanhas e ao que está relacionado a elas, como paredes rochosas, cumes, vista da diversidade entre planícies, vales e morros. Houve também repostas citando planícies litorâneas, campos rupestres e outras referindo-se à dificuldade em transpor a trilha, derivada das variações no relevo; e diversas repostas mencionando beleza cênica.

É fato que as montanhas sempre exerceram forte atração sobre o homem, sendo procuradas para práticas religiosas, rituais, peregrinações, e também como forma de superação dos próprios limites. O valor espiritual da montanha é citado por Fernandes-Pinto (2018), que realizou um levantamento bibliográfico de sítios naturais sagrados encontrando 96 registros no país de elevações montanhosas (estas relacionadas a crenças de diferentes grupos sociais no Brasil – entre serras, montanhas, morros, montes, picos, colinas, agulhas, dedos, altos, chapadas e penhascos) e Gray (2004), que elenca alguns exemplos de locais considerados sagrados no mundo, como Monte Fuji (Japão), Monte Sinai (Egito), Uluru (Australia), Kailash (Tibete).

Dentre as respostas dos caminhantes, 33,3% afirmaram haver meios interpretativos na trilha que percorreram, e 66,7% afirmaram que não haviam tais meios. Para todos que responderam positivamente esta questão os meios interpretativos interferiram na sua experiência, são eles: placas/painéis informativos e guias de turismo.

Sobre o papel das trilhas na qualidade de vida, todas as respostas foram positivas, e a justificativa difere entre o contato/ aproximação com a natureza (9 citações), bem estar físico e mental (9 citações), autoconhecimento (3 citações), educação ambiental (3 citações) e outros fatos menos citados como superação de desafios, interação com a fauna e flora, enriquecimento cultural, descanso, uso mais apurado dos sentidos e contribuição para o desenvolvimento local.

4. Considerações finais

Em relação à paisagem e à geodiversidade as escarpas e montanhas são o elemento mais significativo. Sua imponência e a vista proporcionada pelas elevadas altitudes, impressiona por seu valor estético e espiritual. Apesar de ser possível percorrer trilhas em ambientes selvagens, e muitas pessoas buscarem exatamente isto – ambientes inalterados ou com muito pouca ação antrópica – a grande maioria deseja que haja algum tipo de infraestrutura, como local para pernoite e sinalização.

As oportunidades de geração de renda para quem vive no entorno das trilhas não pode deixar de ser mencionada, embora tenha aparecido em apenas uma das respostas, este fator de desenvolvimento local tem muito potencial no território brasileiro. A população está começando a despertar para os benefícios do eco e geoturismo como uma alternativa de atividade econômica sustentável, algo importante principalmente na região dos Campos Gerais do Paraná, em que a geodiversidade é ameaçada pelo crescimento do agronegócio. Dessa forma os resultados preliminares apontam a importância da continuidade desta pesquisa, com a análise dos outros questionários e estudos de trilhas mundialmente conhecidas, para compreender melhor de que forma as trilhas de longo curso podem contribuir para a valoração da paisagem e configurar-se como um instrumento de geoconservação na gestão do território.

Referências

ABETA. Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura. **Caminhada e caminhada de longo curso**. Disponível em: <http://www.abeta.tur.br>. Acessado em: 20 dez.2015.

_____. Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura. **Aventura Segura**.

Disponível em: <http://abeta.tur.br/pt/aventura-segura/>. Acessado em: 29 set.2018.

ABNT. NBR 15 398. **Turismo de Aventura** – Condutores de caminhada de longo curso – Competências de pessoal. Brasília: ABNT. 2006. 15p.

BERTRAND, G. **Paisagem e geografia física global**: esboço metodológico. Revista Rae'Ga – o espaço geográfico em análise, Curitiba, n.8, p. 141-152.2004.

CABRAL, A. **Trilhando aventuras**: mulheres explorando trilhas do cerrado. Disponível em: www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2018/09/09/interna_revista_correio,704427/mulheres-que-fazem-trilhas.shtml. Acesso em: 28.out.2018.

COSTA, N.M.C.; OLIVEIRA, F.L. Ecoturismo: abordagens e perspectivas geográficas. In COSTA, N.M.C.; NEIMAN, Z.; COSTA, V.C. **Pelas Trilhas do Ecoturismo**. São Carlos: Rima, 2008.

FERNANDES-PINTO, E. **Sítios Naturais Sagrados do Brasil**. Inspirações para o reencantamento das áreas protegidas. Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tese. Rio de Janeiro. 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

GRAY, M. **Geodiversity: valuing and conserving abiotic nature**. John Wiley & Sons Ltd., Londres/Inglaterra, 2004. 434p.

GUIMARÃES, S.T.L. **Paisagens**: Aprendizados mediante as experiências. Um ensaio sobre interpretação e valoração da paisagem. Departamento de Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista (UNESP). Tese. Rio Claro, 2007.

LICCARDO, A.; PIEKARZ, G.; SALAMUNI, E. **Geoturismo em Curitiba**. Curitiba: MINEROPAR, 2008.122 p.

MARINHO, A. Turismo de Aventura em Unidades de Conservação. In PHILIPPI JR., A; RUSCHMANN, D. **Gestão Ambiental e Sustentabilidade no Turismo**. São Paulo: Manole. 2010.

RODRIGUES, A. B. **Turismo e espaço**: rumo a um conhecimento transdisciplinar. São Paulo: Hucitec, 1997.158 p.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Panorama do Turismo de Aventura**. 2015. Disponível em: [http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/bd75b9bbfcbbd3786d7a952a5c4dc2c4/\\$File/5794 .pdf](http://www.bibliotecas.sebrae.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/bd75b9bbfcbbd3786d7a952a5c4dc2c4/$File/5794.pdf). Acessado em: 26.out.2018.

TUAN, Y. F. **Topofilia**. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.